

# A tradução: entre a língua e a literatura, a teoria e a prática

Renato Venancio Henriques de Sousa  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
E-mail: rvhsousa@uol.com.br

## RESUMO

Considerando que os estudos de tradução têm conhecido, nas últimas décadas, um desenvolvimento notável, sendo objeto de estudo tanto de especialistas em Linguística quanto de estudiosos da Literatura (CARVALHAL, 2003), parece-nos que a tradução é percebida como uma atividade marcada por uma posição problemática, numa espécie de “entre-lugar” discursivo. Henri Meschonnic (MESCHONNIC, 1999), referindo-se a Walter Benjamin, diz que este “concebe a tradução como um *entre-as-línguas*” (MESCHONNIC, p. 196). Em nossa comunicação, vamos tentar articular algumas reflexões dos seguintes teóricos e tradutores sobre a atividade tradutória e sua teorização: Jean-René Ladmiral, que no artigo intitulado “Épistémologie de la traduction” (LADMIRAL, 2003), chama a atenção para a clivagem entre “práticos” e “teóricos” da tradução e distingue quatro tipos de tradutologia (tradutologia prescritiva ou normativa, descritiva, produtiva e indutiva ou científica), Antoine Berman, que no ensaio *A tradução e a letra* (BERMAN, 2007), examina “o sistema de deformações dos textos – da letra – que opera em toda tradução, e impede-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo” (p. 45), além do já citado Henri Meschonnic, que analisa algumas traduções de textos literários em *Poétique du traduire* (MESCHONNIC, 1999).

**Palavras-chave:** Tradução. Tradutologia. Atividade tradutória. Língua. Literatura.

**RIASSUNTO:** Considerando che gli studi sulla traduzione hanno conosciuto, in questi ultimi decenni, un notevole sviluppo, come oggetto di studio sia di esperti in linguistica quanto da studiosi della letteratura (CARVALHAL, 2003), ci sembra che la traduzione sia percepita come un'attività caratterizzata da posizione problematica, una specie di "luogo di mezzo" discursivo. Henri Meschonnic (MESCHONNIC, 1999), facendo riferimento a Walter Benjamin dice che "concepisce la traduzione come un fra-le-lingue" (MESCHONNIC, p. 196). In questa nostra comunicazione, cercheremo di articolare alcune riflessioni sull'attività traduzionale e sulla teoricità dei traduttori: Jean-René Ladmiral, che nell'articolo intitolato "Épistémologie de la traduction " (LADMIRAL, 2003), fa notare la scissione tra "pratici" e "teorici" della traduzione e distingue quattro tipi di studi sulla

tradução (traduttologia prescrittiva o normativa, descrittiva, produttiva induttiva o científica), Antoine Berman, che nel saggio "A tradução e a letra" (BERMAN, 2007), examina "il sistema di deformazioni dei testi - della lettera - che opera in ogni tradução, ed impedisce di raggiungerne il vero obiettivo" (p. 45), oltre al già citato Henri Meschonnic, il quale fa l'analisi di alcune traduzioni di testi letterari in *Poétique du traduire* (MESCHONNIC, 1999).

**Parole chiavi: Traduzione. Tradutologia. Attività di tradução. Lingua. Letteratura.**

## Introdução

A importância da reflexão sobre a tradução no âmbito dos estudos comparatistas pode ser medida pela quantidade de trabalhos apresentados em Congressos e pelo número crescente de publicações que tratam deste assunto. Juntamente com Tânia Franco Carvalhal é preciso reconhecer, hoje, que

as traduções são elementos importantes nos processos de circulação literária e que devem ser estudadas em si mesmas e nas diferentes formas de sua contribuição, como concretização possível de outros textos e de outras culturas. [...] Além disso, como estratégia e lugar das mediações interliterárias, a tradução é considerada atualmente como um recurso essencial nas relações com o Outro. (CARVALHAL, 2003, p. 238).

O interesse pela tradução não se restringe aos profissionais e especialistas da atividade tradutória. Escritores, filósofos, teóricos e estudiosos de outros campos do saber têm se debruçado sobre a tradução, na tentativa de compreender os processos em jogo na passagem de um enunciado de um código lingüístico para outro. Pensemos em autores como Jorge Luis Borges, Octavio Paz, Jacques Derrida e Paul Ricoeur, que deixaram reflexões interessantes acerca do esforço de leitura e de interpretação que constitui a "pulsão do traduzir" (BERMAN, 2002, p. 22).

## Jean-René LADMIRAL: a tradução entre a teoria e a prática

Jean-René LADMIRAL, no artigo intitulado “Épistémologie de la traduction” (LADMIRAL, 2003), apresenta a sua tese segundo a qual “o discurso ‘sobre’ a tradução, no qual reside a tradutologia, deve ser um discurso *para* a tradução”<sup>1</sup> (LADMIRAL, 2003, p. 148, grifo do autor). Portanto, não se deve esperar que

a tradutologia empregue um discurso ‘científico’ (*stricto sensu*), mas que constitua uma *praxeologia*, isto é, uma disciplina ou um saber cujo sentido consista somente em nos proporcionar uma ‘ciência da prática’ [...]. De onde o seguinte paradoxo: ao fazermos a teoria da teoria, supõe-se que estejamos comprometidos diretamente com a prática. (LADMIRAL, 2003, p. 149).

Na introdução do ensaio *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo* (BERMAN, 2007), Antoine Berman define a tradutologia como sendo “a reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza de experiência.” (BERMAN, 2007, p. 19) Mais adiante, acrescenta que “a tradutologia, sem ser de modo algum uma ‘filosofia da tradução’, deve necessariamente enraizar-se no pensamento filosófico.” (BERMAN, 2007, p. 19). Ainda segundo autor:

precisamente porque [...] deve ser reflexão e experiência, [a tradutologia] não é uma “disciplina” objetiva, mas sim um pensamento-da-tradução. Ela não interroga a tradução *a partir* da filosofia (como o faz, por exemplo, Derrida), mas se esforça por mostrar, explicitando o saber inerente ao ato de traduzir, o que este tem em “comum” como o ato de “filosofar”. (BERMAN, 2007, p. 20, grifo do autor).

Em seu artigo, LADMIRAL chama a atenção para a clivagem entre “práticos” e “teóricos” da tradução. De acordo com o teórico,

---

<sup>1</sup> Sempre que houver citação em português de livros cujas referências estejam em francês, trata-se de tradução nossa.

já há alguns anos, assistimos a uma explosão do número de “estudos de tradução”. Explosão essa de tal maneira significativa que nos encontraríamos numa estranha situação, segundo a qual a tradutologia constituiria, já na véspera de seu nascimento, uma disciplina “em tempo integral” [autônoma]. Assim, os tradutores estariam ocupados, em tempo integral, a ler toda essa literatura teórica e, ao mesmo tempo, a produzir a teoria da tradução, sem ter a experiência da prática tradutória, pois não teriam tempo para isso. [...] Inversamente, os tradutores estariam eles próprios totalmente absorvidos pela prática, sem ter tempo nem meios para tomar conhecimento de todo este saber teórico que a tradutologia pressupõe [*est censée*] acumular sobre a tradução! Trata-se, evidentemente, de uma situação paradoxal, mas também absurda e insustentável, por assim dizer escandalosa! (LADMIRAL, 2003, p. 149)

Esta situação paradoxal explica a objeção feita, com frequência, pelos práticos da tradução aos teóricos, que se ocupariam em elaborar a teoria acerca de uma atividade cuja prática desconhecem (cf. LADMIRAL, 2003, p. 150).

Além de tais oposições, reveladoras de uma ambivalência profunda – e mesmo se não é, pois, totalmente ilegítimo estudar a tradução como um objeto exterior, sem se ter diretamente a prática, o fato é que, neste caso, se trata, apesar de tudo, de uma prática. Por isso é claro que um teórico tem muito mais credibilidade se for ‘do meio’, se possuir experiência prática daquilo de que trata (LADMIRAL, 2003, p. 150).

Ladmiral arrisca-se, mais adiante, a esboçar uma tipologia das diversas práticas e discursos tradutológicos, distinguindo quatro tipos de tradutologia:

1. **A tradutologia prescritiva ou normativa**, que ele chama de “tradutologia de ante-ontem”, designação essa que se inspira na oposição inicial salientada pelos linguistas entre uma gramática tradicional, marcadamente normativa ou “prescritiva” e uma linguística nascente, que vai se tornar científica e “descritiva”. (cf. LADMIRAL, 2003, p. 151) O autor considera que os trabalhos surgidos no âmbito desta categoria tradutológica estão calcados

no estágio “pré-linguístico” de uma reflexão sobre a linguagem que se poderá considerar como ideológica ou “filosófica”, em sentido muito

amplo (e aqui pejorativo) na medida em que ilustra as diversas figuras de uma ideologia espontânea acerca da linguagem. (LADMIRAL, 2003, p. 152)

Ladmiral inclui nesta categoria “obras de caráter mais ou menos especulativo quer sejam de inspiração literária ou de obediência filosófica como os trabalhos de autores como Walter Benjamin, Henri Meschonnic, Valéry Larbaud, José Ortega y Grasset ou George Steiner”. (LADMIRAL, 2003, p. 151)

**2. A tradutologia descritiva** seria “a tradutologia de ontem”, no espírito da oposição a que o autor aludiu anteriormente. Neste sentido, ela se alinha essencialmente à lingüística, “entendida como ‘ciência’ diretriz, moldada pelo rigor metodológico novo de um ‘corte epistemológico’ recente.” (LADMIRAL, 2003, p. 152) Segundo Ladmiral, a ela pertence “o essencial do que se publica atualmente e, *grasso modo* [do que foi publicado] desde a Segunda Guerra Mundial” (LADMIRAL, 2003, p. 152). O autor inclui, nesta categoria, tanto os trabalhos orientados por uma perspectiva contrastiva, como é o caso da estilística comparada (francês-inglês) de J.-P. Vinay e J. Darbelnet, de J. Guillemin-Flescher e M. Ballard, quanto a maioria dos estudos de teoria da tradução propriamente dita, como os de Georges Mounin, Efim Etkind, J. C. Catford e W. Willis.

De maneira geral, escreve o autor, o que há de comum a todos estes trabalhos diferentes é, precisamente, o fato de reunirem os elementos de uma descrição, já que procedem de um método *a posteriori*. Esta tradutologia descritiva situa-se no processo final do trabalho de tradução, tomando por objeto a tradução como produto, como resultado (ou como efeito) da atividade traduzinte: eu estaria tentado em falar de “um *traduto*” (como se diz justamente “um produto”) (LADMIRAL, 2003, p. 154).

Ladmiral acrescenta que não seria o caso de se rejeitar completamente a tradutologia descritiva, uma vez que ela seria bastante útil aos professores e a

todos aqueles que têm a função de formar tradutores. “Ao proceder *a posteriori* a análises lingüísticas mais ou menos comparativas de textos existentes (texto-fonte e texto-alvo), ela poderá pelo menos contribuir para o aperfeiçoamento lingüístico” (LADMIRAL, 2003, p. 155) do aprendiz de tradutor, aspecto importante na formação do profissional de tradução, mas que, na prática, vai de encontro a um princípio elementar da “ortodoxia” pedagógica, que pretende que “o ensino da tradução propriamente dita só possa começar uma vez que se tenha adquirido perfeitamente o domínio das línguas de trabalho utilizadas pelo futuro tradutor.” (LADMIRAL, 2003, p. 155).

3. **A tradutologia produtiva**, que o autor denomina a “tradutologia de hoje” e no interior de qual ele se situa, não teria mais ou ainda a ambição de elaborar um discurso científico sobre a tradução, entendida como o produto da atividade traduzinte, nem mesmo, como esta atividade ela própria, de propor uma “bricolagem” de um conjunto de conceitos e de princípios que pudessem antecipar e facilitar a *prática* traduzinte ou ‘tradutora’.” (LADMIRAL, 2003, p. 156-157)

Tal categoria pode ser aproximada da psicanálise, já que o que funda a necessidade da tradutologia e do discurso tradutológico é a existência de um problema a ser resolvido.

Assim, o discurso tradutológico seria um “discurso terapêutico” e a tradutologia exerceria uma função que eu chamaria de “tradutoterapêutica”. O que se poderá esperar [deste discurso] é que ele nos ajude a resolver nosso “complexo do tradutor”, ao instaurar um *campo tradutológico* que, a exemplo do “campo psicanalítico” freudiano, seja um espaço de *verbalização*: pelo efeito do “trabalho” linguageiro, o discurso tradutológico induzirá um distanciamento objetivando o problema de tradução que nos é colocado. Em consequência, o tradutor poderá sair do estado de “abulia” e de “impotência” expressiva no

qual se encontrava mergulhado e, quando superar o bloqueio, estará apto a retomar a iniciativa. (LADMIRAL, 2003, p. 157-158)<sup>2</sup>

Falando de uma maneira mais simples, o que LADMIRAL propõe é uma reflexão por parte do tradutor sobre as contradições de sua própria prática. A verbalização tradutológica se faria por meio de um levantamento e de uma nomeação das dificuldades de tradução encontradas durante o trabalho, bem como das soluções a que se chegou, de maneira a eliminar as más soluções e reutilizar as boas, no futuro, “graças a um melhor autoconhecimento, de sua própria idiossincrasia como tradutor, quer dizer, de seus defeitos, cacoetes, etc.” (LADMIRAL, 2003, p. 158) No plano cognitivo, o autor fala dos elementos de uma conceptualização que uma tal tradutologia reuniria, que não se integrariam necessariamente na configuração de um conjunto discursivo rigoroso. Daí que ele defende uma certa desenvoltura teórica, não hesitando em renunciar às exigências axiomáticas de rigor lógico, de coerência interna e de acabamento formal. Portanto,

dentro deste espírito, a teoria tradutológica não se apresentará como uma construção unitária, mas como um conjunto de itens teóricos plurais ou – para retomar ainda o título de [seu] próprio livro – de “*teoremas*”, não no sentido geométrico do termo, mas num sentido etimológico no qual é preciso perceber elementos de teoria [...]” (LADMIRAL, 2003, p. 158).

“A função dessa teoria ‘em migalhas’”, ainda segundo o autor, “seria a de funcionar como a ‘caixa de ferramentas’ do tradutor, de onde este último poderá tirar as ferramentas conceituais, de acordo com sua conveniência.” (LADMIRAL, 2003, p. 159).

Poderíamos aproximar essa categoria das palavras de Berman no final da introdução do livro citado acima:

---

<sup>2</sup> Cf. LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.

Não existe *a* tradução (como postula a teoria da tradução), mas uma multiplicidade rica e desconcertante, fora de qualquer tipologia, *as* traduções, o espaço *das* traduções, que cobre o espaço do que existe em todo e qualquer lugar *para traduzir*.

Assim, a tradutologia não ensina *a* tradução, mas, sim, desenvolve de maneira transmissível (conceitual) a experiência que a tradução *é* na sua essência plural. (BERMAN, 2007, p. 24, grifo do autor)

4. Finalmente, temos **a tradutologia indutiva ou científica**, que seria, de acordo com Ladmiral, a tradutologia de amanhã. Ela caminha mais na direção da psicologia cognitiva do que na da lingüística e tem como objeto “o que acontece na cabeça dos tradutores”. (KRINGS apud LADMIRAL, 2003, p. 156) Não se trata, como é o caso da tradutologia descritiva, de visar o estudo *a posteriori* de “traduções” como produtos, mas de ir à fonte e estudar a atividade traduzinte no início do processo, isto é a tradução no momento em que acontece. Neste sentido, Ladmiral fala de uma tradutologia de amanhã, já que há muito ainda por fazer neste campo. O autor salienta, ainda, o interesse no estudo do funcionamento psicolinguístico e cognitivo do tradutor intérprete. (cf. LADMIRAL, 2003, p. 155-156)

### **Antoine Berman e a sistemática da deformação da letra**

Antoine Berman, no ensaio *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, examina “o sistema de deformações dos textos – da letra – que opera em toda tradução, e impede-lhe de atingir seu verdadeiro objetivo” (BERMAN, 2003, p. 45), O autor salienta o fato de que tais deformações dizem respeito, em princípio, ao que ele chama de

tradução etnocêntrica e hipertextual, onde o jogo das forças deformadoras se exerce livremente, sendo, por assim dizer, sancionado

cultural e literariamente. Mas na realidade, todo tradutor está exposto a esse jogo de forças. Mais que isso: elas fazem parte do seu ser-tradutor e determinam, *a priori*, seu desejo de traduzir. (BERMAN, 2003, p. 45)

Para Berman, tais “tendências deformadoras, que formam um todo sistemático”, têm como fim “a destruição, não menos sistemática, da letra dos originais, somente em benefício do ‘sentido’ e da ‘bela forma’.” (BERMAN, 2003, p. 48) O autor enumera 13 tendências, a saber: a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, o empobrecimento quantitativo, a homogeneização, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares, a destruição das locuções e idiotismos, o apagamento das superposições de línguas. (cf. p. 48) É importante dizer que algumas dessas tendências são, sobretudo, válidas para o universo da tradução literária na França.

Vamos falar, a seguir, de algumas dessas tendências, em função de interesses próprios, mas levando também em consideração o fato de que algumas delas são bem conhecidas por quem estuda ou se dedica à tradução.

A **racionalização**, “tendência desenvolvida pelos autores clássicos e mantida até hoje, é reforçada pela escola e as exigências do ‘bom gosto’ das grandes editoras da mesma forma que a *clarificação*.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 34-35, grifo da autora) A racionalização conduz a estrutura em arborescência do original – marcada por repetições, pela proliferação de orações relativas e pelos participios, de orações intercaladas, por longas frases, frases sem verbo – à linearidade. “Ela aniquila também um outro elemento prosaico: *o objetivo de concretude*.” Segundo o autor, “a prosa tem seu eixo no concreto, ela consegue tornar concretos os numerosos elementos abstratos ou reflexivos que carrega em seu fluxo”. (BERMAN, 2007, p. 49) Pela

generalização e abstração, “a racionalização faz passar o original do concreto ao abstrato.” (BERMAN, 2007, p. 49)

Devido à racionalização, o tradutor faz modificações no texto de acordo com uma idéia preconcebida acerca da ordem correta do discurso. Essas modificações dizem respeito à estrutura das frases, que são reordenadas, e constituem-se de procedimentos tais como a eliminação de repetições, o acréscimo de orações relativas e de participios, ou, ao contrário, a introdução de verbos em frases nominais, além da alteração da pontuação sem nenhuma consideração pelas intenções do autor. Desta forma, o texto traduzido tende à abstração, graças à substituição dos verbos pelos substantivos, “o que se nota tanto na tradução da prosa quanto na tradução poética.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 35)

A **clarificação**, como o próprio nome já diz, “concerne particularmente ao nível de ‘clareza’ sensível’ das palavras ou de seus sentidos.” (BERMAN, 2007, p. 50) Aqui é bom lembrar que a preocupação da língua francesa com a clareza tem uma longa história. Basta pensar nas palavras de Rivarol, que no século XVIII, proclamou o célebre “O que não é claro não é francês”<sup>3</sup>. Segundo Berman, “onde o original se move sem problemas (e com uma necessidade própria) no *indefinido*, a clarificação tende a impor algo definido.” (BERMAN, 2007, p. 50, grifo do autor) Daí a prática da “definição’ dos artigos [indefinidos] do texto original.” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 35) Para o autor de *A prova do estrangeiro*, ela “é inerente à tradução, na medida em que *todo* ato de traduzir é explicitante”. (BERMAN, 2007, p. 50, grifo do autor).

“Toda tradução”, escreve Berman, “é tendencialmente mais longa do que o original.” (BERMAN, 2007, p. 51). O **alongamento** é, portanto,

---

<sup>3</sup> Cf. Marina Yaguello, *Catalogue des idées recues sur la langue* (YAGUELLO, 1988), p. 119-126.

resultante das duas tendências anteriores, uma vez que ambas “exigem um [...] desdobramento do que está, no original, ‘dobrado’.” (BERMAN, 2007, p. 51)

A **homogeneização**, por sua vez,

consiste em *unificar* em todos os planos o tecido do original, embora este seja originariamente heterogêneo. [...] Frente a uma obra heterogênea – a obra em prosa o é quase sempre – o tradutor tem tendência a unificar, a homogeneizar o que é da ordem do diverso, mesmo do disparate. (BERMAN, 2007, p. 55).

Berman fala na “penteação” do original, citando Boris de Schloezer, para quem o tradutor é obrigado a “dar uma penteada” quando se permite, deliberadamente, uma correção ou até mesmo uma construção defeituosa, sendo que nunca obtém algo equivalente ao texto de partida.

O **enobrecimento**, apresentado juntamente com seu corolário, a vulgarização, consiste na produção de frases “elegantes” a partir do original. Ele tende a destruir sob o plano sintático e lexical o tecido heterogêneo e dialógico do original, pela escolha de um nível de língua culto, que leva à um alto grau de homogeneização do texto.

A **vulgarização**, deformação que aparece como o avesso, mas igualmente como o complemento do enobrecimento, se dá, no que diz respeito às passagens do original julgadas “populares” pelo “recurso cego a uma pseudo-gíria que *vulgariza* o texto, ou a uma linguagem ‘falada’ que só atesta a confusão entre o *oral* e o *falado*. A grosseria degenerada da pseudo-gíria (ou do pseudo-regionalismo) trai tanto a oralidade rural quanto o estrito código dos falares urbanos.” (BERMAN, 2007, p. 53, grifo do autor)

“A destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes e a destruição dos *sistematismos* podem ser consideradas como efeitos das tendências anteriores, como a modificação da pontuação e, conseqüentemente, do ritmo do texto” (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 36, grifo nosso). A questão do ritmo do texto literário não se limita à poesia, estando presente em outros gêneros como o romance, a carta e o ensaio. Estes últimos, segundo Berman, “são, inclusive,

multiplicidade entrelaçada de ritmos.” (BERMAN, 2007, p. 55) É por isso que, “mesmo ‘mal’ traduzido, um romance continua a nos prender” (BERMAN, 2007, p. 55), pois a tradução não consegue quebrar a tensão rítmica característica da prosa em movimento.

O autor mostra que a mudança da pontuação pode afetar consideravelmente a rítmica de um texto. O embelezamento [alindamento], assim como a “retalhação da frase” operadas por Vinay e Darbelnet num texto de Lawrence alteraram a tonalidade do mesmo, quebrando, além disso, “o ritmo mímico da frase (seu ‘movimento’ que imita o movimento do trenzinho atravessando o País de Gales).” (BERMAN, 2007, p. 56).

**A destruição ou a exotização das redes de linguagens vernaculares** é um ponto “essencial porque toda grande prosa mantém relações estreitas com as línguas vernaculares”. (BERMAN, 2007, p. 58) “O projeto polilíngue da prosa”, abordado por Bakhtin no que diz respeito ao romance (cf. a heteroglóssia), “inclui obrigatoriamente uma pluralidade de elementos vernaculares.” (BERMAN, 2007, p. 58) Além disso, o projeto de concretude da prosa apóia-se, com frequência, no emprego de termos e expressões da língua vernacular, que “é por essência mais corporal, mais icônica que a *coiné*, a língua culta.” (BERMAN, 2007, p. 58) Por outro lado, “a prosa pode ter como objetivo explícito a retomada da oralidade vernacular. É o caso, no século XX, de uma boa parte das literaturas latino-americana, italiana e mesmo norte-americana.” (BERMAN, 2007, p. 59) Neste sentido, “o apagamento dos vernaculares é um grave atentado à textualidade das obras em prosa”. (BERMAN, 2007, p. 59)

A tradução homogeneizante acaba por não considerar

a superposição ou a coexistência de várias línguas simultâneas, em outras palavras, a relação dos dialetos com uma língua comum, uma *coiné*. Como ocorre na obra [...] de Guimarães Rosa, a coexistência entre o português

normativo e o português popular, coloquial [...]. (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 37).

Inês Oseki-Dépré, em *De Walter Benjamin à nos jours: Essais de traductologie*, fala da tendência das traduções francesas em “abolir as redes vernaculares [que] encontra seu ponto culminante na tradução do romance latino-americano. (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 37)

A exotização, por sua vez, pode aparecer de duas maneiras: pelo emprego de um procedimento tipográfico, o itálico, por exemplo, para marcar o que no original não aparece grifado; pode-se também “sublinhar o vernacular a partir de uma imagem estereotipada deste”, na tentativa de “torná-lo mais verdadeiro”. (BERMAN, 2007, p. 59) Segundo Berman,

a exotização pode caminhar para a vulgarização ao passar um vernacular estrangeiro para um vernacular local: a gíria de Paris traduz o *lunfardo* de Buenos Aires, o “falar normando”, o dos camponeses russos ou italianos. Infelizmente, o vernacular não pode ser traduzido a outro vernacular. *Só as coínés, as línguas “cultas”, podem entretraduzir-se.* Tal exotização, que transpõe o estrangeiro de fora pelo de dentro, só consegue ridicularizar o original. (BERMAN, 2007, p. 59, grifo do autor).

É importante dizer que Berman não tem a intenção de “apedrejar” os “maus” tradutores. Ao refletir sobre a atividade tradutória, chamando a atenção para as distorções que ocorrem entre os profissionais de tradução, principalmente em seu país, ele procura ajudá-los no exercício desta difícil tarefa, dando-lhes a possibilidade de analisar sua prática a fim de melhor detectar (a insistente) presença de automatismos etnocêntricos oriundos de uma longa história cultural.

É neste sentido, escreve Inês Oseki-Dépré, [...] que Antoine Berman descarta qualquer orientação prescritiva de sua analítica, que se quer uma reflexão sobre sua prática. Toda tradução é vacilante e somente se pode dizer

que ao “mal escrever” do escritor corresponde, para o tradutor, o defeito de traduzir de que fala Freud. (OSEKI-DÉPRÉ, 2007, p. 38).

## Henri Meschonnic: a tradução literária como relação

Henri Meschonnic estabelece uma interessante distinção entre a relação [*rapport*] e o transporte [*transport*], no âmbito das traduções literárias:

A história e o funcionamento das traduções de literatura são, portanto, tensos, de acordo com os momentos, as situações, entre a *relação* e o *transporte*. O transporte para a língua de partida é a imitação, do lexical ao sintático. O transporte para a língua de chegada é a adaptação, na qual o natural é uma das formas da ilusão. [...]

A tradução não põe somente literaturas em contato. Ela não põe línguas em contato. Quando se trata de literatura. É o trabalho das obras junto às línguas, e das línguas junto às obras, que a tradução traduz quando se inventa como relação.

A relação permite situar a tradução como *anexação*, ou como *descentramento*. No qual as traduções são, ao mesmo tempo, portadoras [*porteuses*] e portadas [*portées*], numa história das relações de identidade e de alteridade que as ultrapassa. [...] (MESCHONNIC, 1999, 95-96, grifo do autor).

Ao privilegiar a *relação*, a atividade tradutória aparece como uma operação de descentramento e de deslocamento, da mesma forma que a escrita em relação à língua e seus usos correntes. A tradução é percebida como uma atividade marcada por uma posição problemática, numa espécie de “entre-lugar” discursivo. Meschonnic, referindo-se a Walter Benjamin, diz que este “concebe a tradução como um *entre-as-línguas*” (MESCHONNIC, 1999, p. 196)<sup>4</sup>

Em *Poétique du traduire* (1999), o autor analisa várias traduções francesas de textos literários escritos nas mais diversas línguas, sempre com grande

---

<sup>4</sup> Em *Poétique du traduire*, lemos o seguinte: “A historicidade do traduzir opõe o transporte à relação. A tradução não como apagamento das diferenças, mas a exposição das diferenças. Nem para transformar as línguas. Eventualmente, de resto. Pois, é muito por aí que elas passam. Mas para situar a mestiçagem, a alteridade infinita dos discursos, que estão sempre *entre*. [...]” (MESCHONNIC, 1999, 166, grifo nosso)

erudição. Para, terminar, vamos nos deter nos comentários ao início da tradução francesa do romance *Se una notte d'inverno un viaggiatore* [*Se um viajante numa noite de inverno*], de Ítalo Calvino, feita por Danièle Sallenave e François Wahl [*Si par une nuit d'hiver un voyageur*, Paris: Seuil, 1981]. As críticas do estudioso francês podem, em certa medida, servir de ilustração a algumas das deformações referidas por Berman. Meschonnic alude, de partida, à destruição do ritmo operada pela tradução francesa, que realiza uma “desescrita” do texto original. Ao iniciar seu romance fazendo alusão à leitura, Calvino emprega uma escrita repetitiva que faz o clima do texto e satisfaz às exigências de seu motivo. No entanto, o que se observa na tradução é o desmantelamento rítmico, que enfatiza

a diferença entre uma escrita – uma prosódia pessoal – e a indiferença a uma prosódia. Seu apagamento, e o apagamento de seu apagamento. Da maneira mais natural. Uma prosa literária, que parece conservar o tom do original e ter a *velocidade* de um segundo original, de modo que não se vê que se trata de uma tradução. A ambição suprema desse tipo de tradução. (MESCHONNIC, 1999, p. 218, grifo do autor).

Meschonnic nota que, logo nos três primeiros parágrafos, o significante *leggere*, “ler”, aparece nove vezes. Na tradução, ele ocorre apenas seis vezes.

O *incipit* lançava o motivo da leitura, bastante insistente para ser repetitivo, e que funda o movimento do texto, pela retomada do verbo *ler*. [...] Desde a primeira página do texto aparece a ideologia típica do tradutor francês: aliviar, suprimir as repetições, ainda que a poética do texto seja desconhecida. (MESCHONNIC, 1999, p. 218)

Mais adiante, ele volta a quantificar o que considera estragos feitos ao original: “Em duas páginas, quinze supressões de repetições, oito acréscimos, dez deslocamentos de grupos que modificam o ritmo [...] nove mudanças de pontuação, doze modificações de pré-determinante. É, de fato, do ritmo que

se trata.” (MESCHONNIC, 1999, p. 219) Com relação à pontuação, o teórico salienta que “uma pontuação fraca se torna forte. A vírgula dá lugar ao ponto.” Ou ao contrário, de “forte, torna-se fraca. O ponto dá lugar à vírgula.” (MESCHONNIC, 1999, p. 220) “Acrescente-se a valsa dos pré-determinantes: O [artigo] definido dá lugar ao indefinido, quando nada justificava tal mudança [...]” (MESCHONNIC, 1999, p. 220)

É claro que o leitor da tradução não percebe nada:

O leitor, com exceção do leitor das edições bilíngues, lê somente o que lhe é dado ler. Ele lê o sentido, que aí está. Mas alguma coisa do ritmo não se encontra mais aí, mas poderia encontrar-se. Alguma coisa da oralidade própria a este texto que o faz ser o que é. E que a tradução – os tradutores, que aqui são dois, inclusive uma romancista – não ouviu. Para que serve, então, ser escritor? (MESCHONNIC, 1999, p. 220)

Para Meschonnic esta surdez da tradução é uma ofensa à literatura e à modernidade.

## **Conclusão**

Para concluir, gostaríamos de dizer que nosso trabalho pretendeu apenas levantar pistas em torno de questões relevantes abordadas por teóricos importantes da tradutologia francesa, que também dominam a prática tradutória. Insistimos na posição problemática da atividade traduzinte, entre a língua e a literatura, a teoria e a prática, num cruzamento de saberes e disciplinas que a tornam objeto de estudo e de desejo de um vasto conjunto de “cultores”, dentre amadores e especialistas. Esperamos, pois, que algumas dessas questões possam alimentar o debate acerca de uma atividade que começa, aos poucos, a ser devidamente estudada e valorizada no meio acadêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. [trad. Maria Emília Pereira Chanut] Bauru, SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo* [trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerine]. Rio de Janeiro: 7 Letras / PGET, 2007.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

LADMIRAL, Jean-René. *Épistémologie de la traduction*. In MEJRI, Salah *et alii* (dir.). *Traduire la langue, traduire la culture*. Paris : Maisonneuve et Larose / Tunis : Sud Éditions, 2003, (Collection « Lettres du Sud »), 147-168.

LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: Tradução e Melancolia*. São Paulo: Editora EDUSP, 2002.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *De Walter Benjamin à nos jours : Essais de traductologie*. Paris : Honoré Champion Éditeur, 2007.

YAGUELLO, Marina. *Catalogue des idées recues sur la langue*. Paris: Seuil, 1988.